

A crise da COVID-19 e a inserção do Brasil na disputa geopolítica China EUA

Dalila Carvalho

Os efeitos da disputa geopolítica entre EUA e China geram incertezas não somente sobre a economia mundial, mas sobretudo na tomada de ações conjuntas para o combate à COVID-19. As especulações sobre a origem do vírus e a retórica utilizada para encontrar “culpados” sobre a disseminação do vírus por ambas as potências, além do Presidente Trump acusar a Organização Mundial de Saúde de “encobrir a propagação do coronavírus” (El país,2020) e ameaçar a suspensão de verba para a OMS, apenas dificultam e desviam do foco para a solução conjunta dessa crise global. A guerra comercial entre as superpotências, que se intensificou em 2018 com o anúncio do aumento das tarifas sobre produtos chineses, obteve uma trégua a partir da negociação entre as partes em dezembro de 2019, encerrando, de certa maneira, um capítulo dessa disputa. No entanto, a pandemia da COVID-19 surgiu como mais um capítulo desse confronto, da qual obteve tentativas de politização por ambas as partes (SCMP,2020).

Se a crise do coronavírus serviu como palco para confronto, de que forma o Brasil se inseriu em tal disputa? Uma das ações tomadas pelo governo brasileiro ao adentrar no conflito é a de adotar uma retórica semelhante à do governo Trump para atacar a China com relação à pandemia da COVID-19, com base em meras especulações e sem apresentação de qualquer prova. Cervo e Bueno (2011) nos lembram que o Brasil sempre manteve sua política externa alinhada aos Estados Unidos desde a consolidação da República, em função dos grandes investimentos feitos no país e por ser um dos nossos principais parceiros comerciais.

Os autores também destacam que o Brasil acompanhou, muitas vezes, a posição americana na política mundial e o EUA exerceu, ao longo do século XX, forte influência cultural no país (Cervo e Bueno, 2011, p. 377). Vidigal (2019) reforça que o alinhamento aos Estados Unidos é tradicional da política externa brasileira, porém o diferencial do alinhamento do governo Bolsonaro com a administração Trump é que tal alinhamento “não foi definido a partir de interesses de Estado e sim de governo, e de modo voluntarista e unilateral (p.8). O autor também destaca a característica anômala desse alinhamento, que é “com um governo que divide a opinião pública estadunidense e mundial, que tem sido alvo de acusações de irregularidades e que se mostra etnicamente discriminatório”(p.08). É com base nessa característica que pretende-se analisar como os discursos protagonizados por Bolsonaro e por alguns parlamentares governistas repetem a estratégia de Trump e as possíveis consequências da inserção do Brasil na disputa entre duas superpotências.

A Guerra Comercial entre EUA e China

A guerra comercial entre Estados Unidos e China se intensificou no início de 2018, quando os EUA anunciaram a implementação de tarifas sobre produtos chineses. Sob a política de America First, na qual consiste no fortalecimento da indústria americana, além das alegações da necessidade de reduzir o déficit comercial com a China, que chegou em U\$375 bilhões em 2017, Donald Trump anunciou, em março de 2018, a sobretaxa de 25% ao aço e 10% ao alumínio importados (O Globo, 2018). A medida não afetou somente a China, mas também países como Brasil e Argentina. No caso desses dois países, a justificativa de Trump para impor a sobretaxa era a desvalorização da moeda que Brasil e Argentina estariam promovendo (O Globo, 2018).

Pouco depois, o presidente americano lançou tarifas de U\$50 bilhões em produtos chineses. Como retaliação, a China impôs tarifas de 25% sobre os produtos dos EUA. Contra esta medida, os EUA reagiram sob a ameaça de lançar mais U\$100 bilhões sobre produtos chineses. Nesse momento, a China decide recorrer à OMC contra os Estados Unidos. Ao longo dos anos de 2018 e 2019, ambos os países travaram diversas retaliações contra as tarifas impostas até chegarem a um acordo nomeado como Fase I, em dezembro de 2019 (Foreign Affairs, 2020). Parte do acordo estabelece o cancelamento de 15% das tarifas em produtos chineses, estimadas em U\$160 bilhões, enquanto a China concordou em aumentar a compra de U\$200 bilhões em produtos americanos em até dois anos. Contudo, o acordo ainda não é substancial, uma vez que as tarifas de 25% em 250 bilhões de produtos chineses permanecem, assim como a China mantém as tarifas de retaliação sob produtos oriundos dos EUA (Foreign Affairs, 2020).

Imagem 1 – Ameaças tarifárias mais recentes



Fonte: BBC Brasil (2020)

A pandemia da COVID-19

Com o primeiro surto da doença na cidade de Wuhan, na China, ao final de dezembro de 2019, além da rápida propagação do vírus pelo mundo, o país asiático tem sido alvo de críticas e cobranças por lideranças políticas ocidentais em relação à omissão dos primeiros casos e na demora para conter a disseminação da doença, conforme relata a reportagem do jornal El País, em abril de 2020. Ainda de acordo com a matéria, os que tecem as mais duras críticas são França e Reino Unido e não somente os EUA. A diferença entre as críticas desses três reside no tom mais diplomático e na retórica por transparência. Nos EUA, o aumento exponencial no número de casos da doença que somam, até a elaboração desta análise, em 1.013.000 casos confirmados (NPR,2020), possibilitou ao líder estadunidense utilizar discursos racistas contra os chineses – ao atribuir, por exemplo, a Sars-Cov-2 como um “vírus chinês” - e de meras especulações com o intuito de “responsabilizar” a China pela propagação da doença no mundo e por omissão dos primeiros casos.

Ao classificar a Sars-COV-2 como um “vírus chinês”, o presidente americano afirma que o coronavírus foi criado em um laboratório em Wuhan e que os EUA possuem “grandes evidências” dessa teoria. A própria OMS rebateu as especulações ao afirmar que os EUA ainda não apresentaram as “provas” das quais disseram possuir sobre a origem do vírus (CCTV, 2020, tradução livre). As acusações apresentadas por Donald Trump e por alguns políticos estadunidenses contra a China carecem de fontes e evidências científicas. Todavia, o lançamento dessas teorias conspiratórias não é um instrumento utilizado somente pelo governo dos EUA.

O diplomata chinês Zhao Lijian publicou, em seu Twitter, um vídeo do diretor do US Center for Disease Control no qual afirmava que algumas mortes por gripe nos EUA foram posteriormente identificadas como “COVID-19”. Ao publicar o vídeo, o diplomata sugere que os EUA “trouxeram o vírus para Wuhan” e clama por explicações do governo americano (CNN, 2020, tradução livre; SMCP, 2020).

A inserção do Brasil na disputa China-EUA

Nos últimos quinze anos, o desenvolvimento econômico, político e social do Brasil ganhou destaque no cenário internacional e possibilitou ao país assumir um protagonismo na América Latina. A tradicional característica mediadora e pacifista da diplomacia brasileira agia no sentido de buscar oportunidades para a cooperação internacional, especialmente em processos de manutenção de paz e de ajuda humanitária. No entanto, os recentes acontecimentos políticos na América do Sul, como a crise político-econômica na Venezuela e a ascensão dos governos de direita em países como Chile, Paraguai e Colômbia (além do próprio Brasil) parecem novamente chamar a atenção do governo dos EUA para o sul do continente americano.

Com a eleição de um governo de extrema-direita em 2018, o Brasil passou a demonstrar um comportamento anômalo dentro de sua tradição diplomática ao sinalizar um total alinhamento político-ideológico com os EUA.

Já as relações bilaterais Brasil-China seguem com normalidade a partir da pressão de setores como o agronegócio e da intervenção do Vice-Presidente Hamilton Mourão, apesar da desconfiança inicial de Bolsonaro com a potência asiática (Vidigal, 2019, p.12).

Entretanto, a interferência dos filhos de Jair Bolsonaro na condução da política externa, em especial do deputado federal Eduardo Bolsonaro que possui com influência pró-Trump, tem gerado crises entre o Itamaraty e a Embaixada da China no Brasil. Em março de 2020, o deputado realizou postagens no Twitter acusando o governo chinês de ter omitido informações relevantes sobre o coronavírus. Ao acusar, o deputado citou a série de tv Chernobyl e relacionou a explosão da usina nuclear com o coronavírus. Logo, a Embaixada da China no Brasil reagiu com indignação à postagem e emitiu uma nota condenando os ataques do deputado. A resposta ao ataque não foi somente institucional, como também partiu do próprio embaixador. Em seu perfil no Twitter, o embaixador Yang Wanming afirmou que o deputado, ao voltar de Miami, contraiu “vírus mental, que está infectando a amizade entre os nossos povos”. Como réplica à condenação da embaixada da China ao ataque, alguns parlamentares governistas, apoiados pelo Ministro das Relações Exteriores Ernesto Araújo, reproduziram ataques à embaixada chinesa e ao embaixador Yang Wanming, exigindo até mesmo sua expulsão do país pelo “desrepeito” ao parlamentar e à nação brasileira ao reagir à declaração de Eduardo Bolsonaro.

Entre os Senadores da Oposição, houve críticas dos Senadores Randolfe Rodrigues (Rede - AP) e Humberto Costa (PT-PE), que condenaram a postura de Eduardo Bolsonaro e que suas declarações colocam em risco as relações econômicas entre Brasil e China. O senador Humberto Costa ainda cobrou posicionamentos dos setores empresarial e do agronegócio diante das declarações do deputado (Agência Senado, 2020).

Imagem 2 – Mensagem de Eduardo Bolsonaro no Twitter



Fonte: Poder 360 (2020)

Imagem 3 – Resposta da Embaixada chinesa à mensagem de Eduardo Bolsonaro



Fonte: Poder 360 (2020)

No entanto, as declarações de Eduardo Bolsonaro não passaram despercebidas por empresários chineses, lideranças da Câmara de Comércio Brasil-China e do Grupo de Líderes Empresariais. Os empresários chineses condenaram a interferência dos filhos do Presidente e afirmaram que as falas de Eduardo Bolsonaro “queimam pontes”(UOL Economia,2020). De acordo com a reportagem da UOL, o presidente da Câmara de Comércio e Indústria Brasil-China afirma que “para além de um possível impacto na relação comercial entre os dois países, o mais grave é o ataque em si, em dias em que a solidariedade se faz necessária”, referindo-se à pandemia da COVID-19. O Presidente da Câmara dos Deputados, Rodrigo Maia (DEM-RJ) repudiou as declarações de Eduardo e afirmou, ao jornal El País, que “a atitude não condiz com a importância da parceria estratégica Brasil-China e nem com os ritos da diplomacia”.

Para inflamar a crise diplomática, o Ministro da Educação Abraham Weintraub publicou, em sua conta no Twitter no início de abril, uma mensagem que reproduzia uma capa do gibi Turma da Mônica. A mensagem fazia referência ao modo de falar do personagem Cebolinha, que troca o "R" pelo "L" nas palavras. A publicação se tratava de uma zombaria do sotaque que muitos asiáticos têm ao falar o português. A Embaixada da China reagiu ao ataque do Ministro e publicou uma nota repudiando as “declarações difamatórias contra a China” e apontando conteúdo “fortemente racista”. (DW,2020).

Imagem 4 – Mensagem do Ministro da Educação, Abraham Weintraub sobre a questão



Fonte: Poder 360 (2020)

Fica evidente, pois, que o governo brasileiro, ao atacar a representação diplomática da China no Brasil pela crise da pandemia, adota a semelhante estratégia estadunidense ao utilizar de teorias conspiratórias e ataques xenófobos contra a nação chinesa. Uma vez que Brasil e China somam 46 anos de laços diplomáticos, sendo os últimos dez anos caracterizados pelo fortalecimento da relação e tendo a China como o principal parceiro comercial do Brasil, repetir as ações do governo Trump torna-se uma alternativa perigosa e comprometedora para o governo e para as instituições brasileiras, em especial na atual crise de saúde.

Cabe lembrar que a China detém 90% da produção mundial de equipamentos de proteção individual para profissionais de saúde (O Globo, 2020) e, no momento em que os esforços para a cooperação internacional e multilateral no combate ao coronavírus são aplicados, o Brasil pode correr grandes riscos políticos e econômicos caso insista em repetir a estratégia do governo Trump para lidar com a crise de saúde.

Apesar de alguns membros do setor empresarial e agropecuário no Brasil e demais parlamentares e figuras políticas condenarem o discurso de Eduardo Bolsonaro e do Ministro Abraham Weintraub, nota-se que esses atores não têm se mostrado eficazes para moderar comportamentos de figuras políticas que possam abalar negativamente as relações diplomáticas Brasil-China. Para o alívio da tensão entre governo e Embaixada da China, é necessário o intermédio e o compromisso das instituições políticas e jurídicas do país para por fim aos ataques de parlamentares bolsonaristas às autoridades chinesas no Brasil, de modo que o país não embarque, mesmo que involuntariamente, em uma disputa que não lhe diz respeito.

Referências

BENITES, Afonso. 2020. Esforço de Eduardo Bolsonaro para demonizar China copia Trump e ameaça elo estratégico do Brasil. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-03-19/esforco-de-eduardo-bolsonaro-para-demonizar-china-copia-trump-e-ameaca-elo-estrategico-do-brasil.html> Acesso em 28 de abril de 2020.

SHAN, Weijan.2020. A Delicate Truce in the U.S.-Chinese Trade War. Disponível em: <https://www.foreignaffairs.com/articles/united-states/2020-01-13/delicate-truce-us-chinese-trade-war>. Acesso em 27 de abril de 2020.

National Public Radio. 2020. Coronavirus Maps and Graphics. Disponível em <https://www.npr.org/sections/health-shots/2020/03/16/816707182/map-tracking-the-spread-of-the-coronavirus-in-the-u-s> .Acesso em 01 de maio de 2020.

PEREIRA. Vinicius.2020. Empresários chineses se irritam com E. Bolsonaro: falas "queimam pontes". Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2020/03/19/eduardo-bolsonaro-china-coronavirus-empresarios>. Acesso em 16 de abril de 2020.

VIEIRA, Anderson. 2020. Declarações de Eduardo Bolsonaro contra a China repercutem entre os senadores. Fonte: Agência Senado. Disponível em <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2020/03/19/declaracoes-de-eduardo-bolsonaro-contr-a-china-repercutem-entre-os-senadores>. Acesso em 01 de maio de 2020.

SANCHES & MAGENTA, Mariana e Matheus. 2020. Bolsonaro e Trump radicalizam: as semelhanças entre os líderes na pandemia de coronavírus. Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52361730>. Acesso em 07 de maio de 2020.

FORUM, Revista. 2020. Weintraub usa turma da mônica em postagem xenófoba contra os chineses. Imagem disponível em <https://revistaforum.com.br/redes-sociais/weintraub-usa-turma-da-monica-em-postagem-xenofoba-contra-os-chineses/>. Acesso em 07 de maio de 2020.

YAHYA, Hanna. 2020. Eduardo Bolsonaro culpa China por pandemia e embaixada rebate. Imagem disponível em: <https://www.poder360.com.br/coronavirus/eduardo-bolsonaro-culpa-china-por-pandemia-e-embaixada-rebate/>. Acesso em 06 de maio de 2020.

CGTN in CCTV, 2020. WHO says has no proof from U.S. on 'speculative' Wuhan lab claims. Disponível em: <https://english.cctv.com/2020/05/05/>. Acesso em 08 de maio de 2020

Churchill, Owen, 2020. Coronavirus: China's US ambassador Cui Tiankai takes veiled swipe at Donald Trump for politicising outbreak. Disponível em: <https://www.scmp.com/news/china/diplomacy/article/3080943/coronavirus-chinese-envoy-cui-tiankai-takes-veiled-swipe>. Acesso em 05 de maio de 2020.

Westcott & Jiang, Ben & Steven, 2020. Chinese diplomat promotes conspiracy theory that US military brought coronavirus to Wuhan. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2020/03/13/asia/china-coronavirus-us-lijian-zhao-intl-hnk/index.html>. Acesso em 06 de maio de 2020.

VIDIGAL, Carlos Eduardo. Bolsonaro e a reorientação da política exterior brasileira. In: *Jornal of Global Studies*. Meridiano 47, 2019, v.20, pg.6-14. Disponível em : <https://periodicos.unb.br/index.php/MED/article/view/27792/24440>. Acesso em 09 de maio de 2020.

BASSETS, DE MIGUEL & CARBAJOSA, M.R & A. França e Reino Unido lideram endurecimento do tom europeu com a China. Disponível em <https://brasil.elpais.com/internacional/2020-04-21/franca-e-reino-unido-lideram-endurecimento-do-tom-europeu-com-a-china.html>. Acesso em 09 de maio de 2020.

NACIONAL, Jornal. Mercado internacional tem disputa por máscaras, luvas e respiradores. Disponível em :<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2020/04/06/mercado-internacional-tem-disputa-por-mascaras-luvas-e-respiradores.ghtml>. Acesso em 09 de maio de 2020.

BRASÍLIA. EMBAIXADA DA REPÚBLICA POPULAR DA CHINA NO BRASÍLIA. (ed.). Nota da Embaixada da China no Brasil. 2020. Disponível em: <http://br.china-embassy.org/por/sghds/t1758489.htm>. Acesso em: 20 mar. 2020.

PALUMBO & NICOLACI DA COSTA, D. & A. Guerra comercial: 5 gráficos para entender a disputa entre EUA e China. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-48228954>. Acesso em 07 de maio de 2020.

CERVO & BUENO, A.L & C. História da Política Exterior do Brasil. 4ª ed. Brasília: Editora Unb, 2011.

TREVISAN, Karina, 2020. Entenda a guerra comercial e seus possíveis impactos. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2018/12/06/entenda-a-guerra-comercial-e-seus-possiveis-impactos.ghtml>. Acesso em 06 de maio de 2020.